



Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilariaça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



Capítulo IV

Saberes Tradicionais:
o barro, o ferro e a seda

Miguel Areosa Rodrigues
Isabel Maria Fernandes
Jorge Argüello
Suzana Faro

OLHARES SOBRE A SEDA NAS TERRAS DO CÔA

«(...) no contexto estrutural da região do Côa, as oportunidades de desenvolvimento futuro não podem deixar de passar pela valorização destes símbolos da memória local. Qualquer estratégia de promoção (...) distanciada dessa memória ou contribuindo para a sua destruição compromete e reduz o já débil espectro de oportunidades.»

António Manuel Figueiredo, 1995

A olho nu

Há entre as terras do vale do Côa e as gentes que as povoam uma enraizada intimidade. Nas fragas que escolheram para se perpetuarem com a sua arte, nos espaços que ocuparam com as suas casas, nos meios que encontraram para viver, na solidariedade que assumiram para sobreviver.

Hoje, embora partilhando a aldeia global, essa intimidade mantém-se. E é mais do que isso: Homem e Natureza são cúmplices de uma história comum, orgulhosos da sua realidade, solidários na forma de comunicar. Atravessando o tempo lado a lado souberam as gentes perpetuar essa existência una, no respeito de quem pisa lugares sagrados, que sagrada é a terra que nos dá o pão.

Nestas terras nasceram as amoreiras. E com a ajuda delas se criou o bicho-da-seda cujos ovos as mulheres colocavam em pequenos sacos de camurça e traziam junto ao peito, como se de filhos se tratasse, para os proteger até ao seu nascimento - o seu ganha-pão, as suas joias!

Depois extraía-se o fio da seda dos casulos. O finíssimo e luxuoso fio da seda que era também o fio da história das populações, uma tradição de há séculos perpetuada nas sábias mãos das mulheres das aldeias, o luxo numa terra aparentemente agreste para quem chegava dos grandes centros onde, afinal, essa seda era maioritariamente consumida. A seda pura - fiada para os outros, pois o produto era caro e essencial para a subsistência económica das comunidades locais. Para elas ficavam os “maranhos”, a seda de qualidade secundária.

Tecia-se também o linho, mais popular, depois destronado pelo democrático algodão (Mendes 1993, 60) abundante e barato, produzido próximo do litoral e favorecido por uma rede viária e ferroviária crescente que lhe garantia os mercados.

Estamos na terra das amendoeiras teimosamente floridas frente ao alto e feíssimo eucalipto, nas palavras de Eça de Queirós, que hoje vai ganhando terreno, conformadamente aceite pelas populações nas pequenas aldeias já quase despovoadas, onde, sob a sombra das amoreiras que subsistem, agora apenas vestígio parcelar de uma actividade que moldou a região durante séculos, restam os mais velhos

enraizados ainda ao chão em que nasceram, neste mesmo fim de século em que se navega pelo mundo inteiro entre duas badaladas no sino da igreja.

Hoje já não há produção de seda nestas terras. Mas ficou a vontade de manter viva essa memória, de não deixar morrer as amoreiras e o bicho-da-seda e com eles o passado de uma comunidade de engenho e arte que ocupa as terras do vale do Côa. A revitalização desta actividade, com as suas potencialidades turísticas e económicas (desde que dimensionadas e revalorizadas enquanto elemento constituinte da sociedade contemporânea), poderá mesmo contribuir para o desenvolvimento da região.

Um olhar sobre a história

Praticamente inexistente na actualidade, a produção artesanal de seda possuiu durante séculos um papel relevante na economia desta região. A importância e o valor económico da seda é perfeitamente compreensível se nos lembrarmos, por exemplo, que no século XVI e seguintes, vestir ou não sedas era expressão de superioridade ou inferioridade social, à semelhança do porte de espada. A Ley sobre os vestidos de seda & feitios delles e das pessoas que os podem trazer, de 1570, regulamentava significativamente o seu uso, e as infracções - depois de julgadas - implicavam penas aplicadas pelos tribunais. De resto, ser nessa época cidadão do Porto era um privilégio que se materializava, entre outros aspectos, por poder vestir sedas, independentemente da sua pertença social.

A existência de amoreiras multi-seculares na região que vimos abordando - entre as quais se salientam as que se implantam à entrada de Castelo Mendo (local e popularmente atribuídas ao reinado de D. Dinis) - revelam uma ancestral tradição na produção da seda, para a qual as folhas daquela árvore - fonte de alimentação do sirgo (ou



Fig. 1 – Amoreiras em Castelo Mendo (Almeida)

bicho-da-seda) - eram elemento imprescindível.

Mas, são fundamentalmente do século XVIII os elementos mais eloquentes que possuímos. No início desse século Pinhel chega a atingir uma produção de 51 arrobas de folha de amoreira (Rodrigues 1997, 63) e a actividade sericícola da região nessa época, nomeadamente dos concelhos localizados mais a sul, é fundamental para a manufactura das colchas de Castelo Branco. Mais a norte, além das referências a produção em Almeida e Castelo Rodrigo, a actividade artesanal da seda é ainda bastante significativa no final do século XVIII em Foz Côa (Pereira 1995, 33). Com efeito, não obstante o sucesso da produção do pó do sumagre (produto utilizado com muita eficiência no curtimento de peles e na tinturaria, pelos surradores e sapateiros da região e de outros lugares para onde era escoado, nomeadamente a cidade do

Porto), em finais de Setecentos os terrenos de Foz Côa menos aptos para a produção cerealífera, continuavam a ver nascer ao lado das amendoeiras e dos sumagrais de sucesso, as amoreiras essenciais para a actividade sericícola.

Mas, mais do que pólo produtor, Foz Côa vai-se revelar como importante centro mercantil e distribuidor da seda. Em 1810 José Acúrcio das Neves escreve que ela é ... uma das mais ricas (terras) da Beira Alta, pelo muito comércio que ali se faz, tanto em sedas, com em bacalhau (...) que por aquele ponto se distribuem pelas terras comarcãs de Portugal e Espanha (Neves s/d, 303).

Beneficiando da sua localização estratégica, como ponto de passagem entre as terras de Trás-os-Montes e as Beiras, e da navegabilidade do Douro, particularmente a partir da destruição do Cachão da Valeira, em 1792, Foz Côa irá captar e redistribuir não só as produções de seda das terras que se localizavam a montante do Côa (e só Pinhel produz artesanalmente, em 1802, 1655 arrâteis de seda) mas também do importantíssimo centro produtor que é, já na margem direita do Douro, Freixo de Espada à Cinta. De resto, a tradição do artesanato da seda em Trás-os-Montes, particularmente no distrito de Bragança, era bastante significativa, estabelecendo-se não poucas vezes, em finais do século XVIII, já em pequenas oficinas e numa proto-industrialização domiciliária. Está, a título de exemplo, registado o caso de João António Lopes Fernandes que, assentando fundamentalmente a sua actividade na indústria ao domicílio, possuía em 1783 108 teares, dominando praticamente a indústria sericícola na província de Trás-os-Montes (Fortunato de Almeida 1920, 39).

Aliás, a tradição da indústria da seda e a existência de matéria-prima nesta província, associada ao facto de se tratar de uma actividade semi-industrial e semi-agrícola, adaptando-se assim muito bem às características sócio-económicas transmontanas (Mendes 1993, 58), terá estado na base de uma experiência industrial bastante inovadora em 1788: a construção em Chacim (Macedo de Cavaleiros) do Real Filatório de Sedas - um projecto industrial com tecnologia de ponta, introduzida em Portugal por técnicos italianos, e implantada por opção do Marquês de Pombal, provavelmente pelos motivos expostos, em Trás-os-Montes, em detrimento da Real Fábrica das Sedas de Lisboa criada em 1784.

O filatório de Chacim, apesar de nos seus primeiros oito anos de existência ter demonstrado um certo dinamismo (Mendes 1981, 258) nunca atingiu grandes níveis de desenvolvimento e, meio século depois, ameaçava já ficar reduzido a ruínas num curto espaço de tempo. E, efectivamente, em 1866, foram as ruínas desta fábrica que foram colocadas à venda.

Assim, em meados do século XIX e nas décadas seguintes a actividade sericícola na bacia do Côa e nos concelhos que lhe eram fronteiros, do outro lado do Douro (Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à



Fig. 2 – O bicho-da-seda é colocado sobre as folhas de amoreira, dispostos em tabuleiros, para seu alimento.
Associação para o Estudo Defesa e Promoção do Artesanato, Freixo de Espada à Cinta

Cinta), mantinha as características eminentemente artesanais que haviam caracterizado a produção de seda durante séculos.

Mas a partir de agora vamos assistir também a um paulatino e irreversível processo de declínio, em virtude da concorrência da têxtil algodoeira que conhece então profundos avanços tecnológico-industriais. Dir-se-ia que o algodão, mais acessível, logo, mais “democrático” se adaptava melhor às transformações culturais, sociais e económicas que, sobretudo a partir da Revolução Francesa e com o liberalismo, se iam processando. Ao invés, a seda, mais rara e “aristocrática”, foi perdendo virtualidades e funcionalidade, à medida que o “Ancien Régime” se ia eclipsando. (Mendes 1993, 60).

No início do século XX, há excepção de algumas localidades que teimosamente vão manter a produção da seda (entre as quais se destaca de uma forma muito significativa Freixo de Espada à Cinta), a actividade sericícola começa já a fazer parte da Memória histórica e cultural das povoações.

O fenómeno mais relevante e dramático na história recente da região (Pereira 1995, 35) - o refluxo demográfico crescente - mais não vem do que acentuar o declínio desta actividade artesanal. O fluxo migratório para o Porto e Brasil, entre os finais do século XIX e a I Guerra Mundial, surtos epidémicos no pós-guerra, como a gripe pneumónica de 1918, e a significativa partida, desde os anos 50, de colonos e soldados para África e de emigrantes para o Brasil e para a Europa, produzem uma retração demográfica impressionante. Dois simples exemplos: com 14 500 habitantes em meados do século XVII, a cidade de Pinhel possuía em 1991 apenas 12 295 (Rodrigues 1997, 61), e a população do concelho de Foz Côa registou uma quebra de 17 116 habitantes em 1950 para 8 885 em 1991. Tais factores não podiam, evidentemente, deixar de se reflectir na produção da seda ou, nas palavras de António da Silva “Sargento”, 86 anos, de Freixo de Espada à Cinta: (...) depois começaram a ir para a França. Começaram a ir para a Alemanha ... lam a salto, com os homens. Abandonavam-se por lá! E isto da seda foi desaparecendo.

Desaparecendo, sim. Mas não de todo. Alguns (muito poucos) núcleos foram resistindo e, embora em muitos locais já não se procedesse à tecelagem da seda, a criação do sirgo nos grandes tabuleiros continuamente repletos de folha de amoreira, e a produção do seu casulo, continuariam a ser, durante os três primeiros quartéis do século XX, uma realidade em muitas destas povoações da bacia do Côa, abastecendo assim os centros artesanais de matéria-prima essencial à produção da seda.

Na década de 70, contudo, a actividade sericícola parecia ter desaparecido definitivamente. Todavia, em 1981, um projecto inovador vem dar um novo alento e esperança à tradição da seda na região. Nesse ano é criada, em Freixo de Espada à Cinta, a Associação para o Estudo, Defesa e Promoção do Artesanato do Freixo, visando o renascimento da manufactura tradicional da seda. São então lançados, com o apoio do Instituto de Emprego, cursos de formação que cativarão muita gente nova. E, como no passado, apenas mulheres. Neste processo é justo destacar o nome da Dona Maria Augusta, então já com mais de 80 anos e, seguramente, uma das últimas artesãs da seda. Foi ela que transmitiu os velhos conhecimentos da criação do sirgo, das técnicas da produção do fio da seda e da sua tecelagem. Paralelamente procedeu-se

a uma significativa recolha, junto de tradicionais famílias da povoação, de panos e outros modelos antigos que a Associação passou a copiar nas suas produções.

Presentemente, e após uma série de anos em que, indiscutivelmente, as instalações desta instituição (onde se podia visitar e assistir a todas as fases da actividade sericícola, da plantação da amoreira à tecelagem da seda, passando pela criação do bicho-da-seda) se converteram no principal motivo de atracção turística da povoação, a Associação parou, esperamos que temporariamente, a sua actividade. Os elevados custos de produção da seda e algum alheamento por parte das entidades que deveriam apoiar este tipo de projecto, estarão na base da actual situação.

Todavia, a não ser que teimosamente se opte por continuar folcloricamente a produzir os velhos modelos e formas, importará, na busca de soluções para a sobrevivência técnica e financeira desta multiseccular actividade artesanal, avançar com novas propostas, à luz de um design de moda contemporânea. Produzir, no maior respeito pelas técnicas ancestrais de produção do tecido, novas peças, cheias de tempo, sem tempo, na moda, com a tradição (Cardoso 1997, 14). Tal não é impossível. Experiências com o linho, o burel, as rendas de bilros, a lã ou os trapos, envolvendo velhas e novas artesãs de algumas aldeias perdidas das serras de Montemuro, Aboboreira, Freita e Arga, vêm demonstrando nestes últimos anos, excelentes resultados na perpetuação de uma riquíssima memória cultural destas comunidades tradicionais (referimo-nos, entre outras, à experiência coordenada pela estilista Helena Cardoso). Desde que inspiradamente urbanas, as tradicionais produções têxteis continuam a encontrar nos grandes centros urbanos um importante mercado. A seda, seguramente, não fugirá à regra.



Um olhar sobre a produção

Cabia tradicionalmente às raparigas solteiras a criação do sirgo ou bicho-da-seda - o *Bombyx mori*, na designação em latim. Seus pais participavam numa fase inicial, assegurando a recolha das folhas de amoreira nas quais, depois de espalhadas sobre grandes tabuleiros em madeira, era colocado o sirgo para se alimentar, depois de chocados os ovos.

Muitos cuidados e confortos exigia o ovo do sirgo (significativamente designado na forma popular por semente), para se “chocar”. Na Primavera, e durante o dia, traziam-na aconchegada, num bolso, ou no seio, para participar do calor brando que o corpo lhe oferecia.

À noite, carinhosamente, metiam-na num saquinho de lã que colocavam no leito ou junto à lareira (Escola Preparatória de Bragança 1984, 184).

Fig. 3 – “Para auxiliar a construção do casulo é colocada nos tabuleiros a arçã, que facilita a sua fixação”.

Associação para o Estudo Defesa e Promoção do Artesanato, Freixo de Espada à Cinta

São diversas as espécies de bicho-da-seda como diversas são também as espécies de amoreiras. Entre todas as variantes, dependente da espécie de bicho e da sua alimentação, resultavam diferentes fios. Os processos, esses, eram sempre os mesmos.

A amoreira, depois de plantada, necessitava de pelo menos cinco anos para cumprir plenamente a sua missão enquanto alimento do sirgo. Este cumpria um ciclo anual iniciado na Primavera, que assegurava uma ocupação contínua das mulheres na criação do bicho, extracção do fio e tecelagem da seda.

Todos os anos o ciclo se repetia. Entre Maio e Junho o bicho-da-seda nascia sendo colocado sobre as folhas da amoreira que o aguardavam já em tabuleiros para seu alimento.

O sirgo muda de pele quatro vezes durante este período - é a fase da garganteira, como lhe chamavam localmente, em que o sirgo, um pouco enjoado, deixa de se alimentar, recuperando novamente o apetite quando, passado este tempo, atinge a idade adulta.

Inicia então a construção do casulo, também conhecido na região por folhelho, que o ocupará nos 10/15 dias seguintes. Para o auxiliar nesta operação, as raparigas colocavam nos tabuleiros a arçã, pequenos ramos de uma espécie de carqueja que facilitava a fixação do casulo.

Terminado o tempo de construção dos seus pequenos esconderijos ovulares, o bicho-da-seda, transformado em crisálida dentro do casulo, surgia em forma de borboleta, furando o casulo e libertando-se assim para acasalamento. Estamos já em Junho.

Há, pois, que evitar esta perfuração se se pretende aproveitar o fio contínuo da seda.

Este processo implica, para a maior parte dos casulos, sacrificar a crisálida às altas temperaturas de exposição solar, colocando-os em mantas ao sol. Algumas borboletas, mais afortunadas, saem livremente, sendo colocadas em caixas para acasalamento. Na sua efémera vida de pouco mais de um dia, estas borboletas são reponsáveis pela produção de inúmeros ovos que assegurarão a criação do ano seguinte.

Actualmente, nos processos de revitalização da actividade sericícola experimentada em Freixo de Espada à Cinta, a morte da crisálida é muitas vezes feita através de baixas temperaturas, colocando os casulos em arcas frigoríficas, assumindo os benefícios das evoluções tecnológicas e rompendo pela primeira vez neste processo, o elo de profunda interdependência do trabalho da seda com o seu meio natural.

Dá-se então início à segunda fase de produção da seda - a extracção do fio. Os casulos são colocados, para amolecer, numa caldeira de cobre sobre uma fomalha alimentada a lenha. Depois, com ajuda de uma pequena vassoura feita de carqueja puxa-se a ponta do fio que se vai soltando e desenrolando à volta do casulo. O fio é contínuo atingindo cerca de 1500 metros de comprimento, constituindo assim a maior fibra natural utilizada na tecelagem.

Cada bicho-da-seda segrega dois filamentos, unidos pela sericina, espécie de goma ou cola resultante de secreções do sirgo, conferindo ao fio uma extrema resistência e regularidade se comparado com outras fibras também usadas ancestralmente na tecelagem.

Juntam-se os fios de vários casulos, enrolados em simultâneo no sarilho ou roda de fiar (em madeira, fixa em dois barrotes paralelos). O fio passa então por uma peça em metal com orifícios onde a goma, agora amolecida, vai novamente servir para os unir, obtendo-se apenas um fio, mais espesso, pronto para passar à fase seguinte - a do entrelaçamento dos fios da teia e da trama no tear dando origem à tão cobiçada seda pura.

Antes, porém, de passar ao processo seguinte - o da tecelagem - merece um pequeno apontamento a utilização dos casulos perfurados pela saída da borboleta - os maranhos - na produção de uma seda mais grossa, de inferior qualidade, e por isso vulgarmente apelidada de seda de segunda.

Estes casulos, colocados numa outra caldeira com água a ferver, formavam uma pasta do tipo do algodão em rama - a fase da crameação. Depois de obtida esta pasta era colocada numa roca e fiada à semelhança da lã.

Quando ao serviço das casas mais abastadas, das senhoras ricas, as raparigas juntavam-se nos salões aí destinados a esta tarefa, para a alimentação do bicho e depois para a extracção do fio.

A tecelagem constitui a última fase do trabalho da seda ainda nas mãos das mulheres desta região.

O processo de tecelagem, feito em teares manuais de madeira, era já tarefa individual, assegurada na casa de cada família, entregue às mulheres. O trabalho era pago à peça, com valores muito inferiores àqueles que o tecido de seda pura, uma vez comercializado fora das aldeias, vinha a atingir.

Produzia-se a seda para o vestuário das classes aristocráticas e clero, mas também para os paramentos utilizados nas igrejas e cerimónias religiosas. As mãos que carinhosamente criavam o bicho-da-seda e cuidadosamente extraíam o fio e teciam a seda nunca aspiravam, pois, ao luxo de a vestir. Focaremos, contudo uma excepção. No centro dos peneiros para o trigo, para se obter uma mais eficaz peneiração, era utilizada uma rede de seda.

Ao contrário do que acontece com a produção do fio, em que a seda assume técnicas completamente distintas das restantes fibras



Fig. 4 – “As amoreiras resistem ainda, marcando alguns pontos da paisagem”.
Adeganha (Torre de Moncorvo)

(não é fiada nem torcida), o processo de entrelaçamento dos fios de seda assemelhava-se ao da tecelagem das restantes fibras.

Os teares, como ficou dito, eram construídos em madeira, privilegiando os tambores de 60 cm de largura, utilizando uma tecnologia simples e accionados pela força humana.

A tecelagem consiste basicamente no cruzamento dos fios da teia (elemento fixo) colocados longitudinalmente, com os fios da trama (elemento móvel) colocados na lançadeira que atravessa a “cala” ou passagem criada pelo levantamento alternado de parte dos fios da teia pelos liços para permitir o entrelaçamento. A rede assim criada é constituída por pontos bem apertados para formar o tecido e batida por um pente para lhe dar consistência e regularidade.

Sendo o fio da seda muito fino, resulta do seu entrelaçamento um tecido igualmente fino, embora proporcionalmente de grande resistência, exigindo muito tempo para conseguir formar uma peça inteira de seda pura.

Fruto das condições que a natureza oferecia para a criação da amoreira e do carinho que as mulheres dedicavam à produção sericícola, o fio da seda foi-se confundindo com o fio da história destas comunidades a quem a sorte furtava depois o finíssimo tecido quando se tratava de tecer as suas vidas, entregues a fibras mais vulgares e de menor qualidade, embora também trabalhosas, como o linho.

Um olhar sobre a região

Se ao percorrer as terras do vale do Côa procurar o viajante encontrar a memória desta ancestral tradição do trabalho da seda, deverá lançar um olhar atento às paisagens que o rodeiam e às gentes que o acolhem.

As amoreiras resistem ainda marcando alguns pontos da paisagem, impondo-se monumental e ancestralmente como em Castelo Mendo ou em novas experiências como à entrada de Barca d’Alva ou Freixo de Espada à Cinta junto ao rio. Noutros locais já só é a toponímia que nos recorda o impacto que esta actividade artesanal possuiu na região. O mais elucidativo será a freguesia de Amoreira, no concelho de Almeida, embora neste caso possa resultar de uma evolução de Moreira.

O viajante não encontrará já oficinas de trabalho sericícola, nem ouvirá o matraquear dos teares artesanais nas casas das aldeias. Mas sentirá pulsar a memória das gentes numa actividade que marcou uma região, os saberes perpetuados de pais para filhos que se vai esbatendo em pormenores com o correr do tempo mas ganhando em dimensão histórica.

Ainda em Freixo, na zona histórica da povoação, no espaço que a Associação para o Estudo, Defesa e Promoção do Artesanato do Freixo ocupou, encontrará vestígios da proposta aí desenvolvida de revitalização da actividade sericícola, gentil e orgulhosamente acompanhada por uma das suas principais dinamizadoras, na certeza de um trabalho válido e na (in)certeza de uma continuidade.

Mas, se estes são os motivos e os vestígios mais evidentes, o visitante mais atento e desperto entenderá que muitos dos vestígios de antigas e ricas moradias, em algumas das mais emblemáticas e ancestrais povoações da região, tiveram por suporte económico a actividade sericícola. E depois, não há igreja ou capela que não possua belíssimos paramentos, particularmente do século XVIII, produzidos também com a seda da região.

Suzana Faro

Um olhar bibliográfico

- CÂMARA MUNICIPAL DE MACEDO DE CAVALEIROS (1997) – Os Caminhos da Seda, n.º 1, Macedo de Cavaleiros: Câmara Municipal.
- CARDOSO, Helena (1997) - Um Percurso na Moda com a Tradição, «Boletim Informativo do Museu da Indústria Têxtil», n.º 8/9. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal, pág. 14.
- Escola Preparatória de Bragança (1984) - Artes e Tradições de Bragança, col. Arte e Artistas, 7. Lisboa: Terra Livre.
- FIGUEIREDO, António Manuel (1997) - Uma Digressão Intimista e Amarga pelas Oportunidades de Desenvolvimento de Trás-os-Montes e Alto Douro ou a Perversão Exemplar do Processo das Gravuras Rupestres do Cova, «Boletim da Universidade do Porto», 25, Porto: Fundação Gomes Teixeira, pp. 37-41.
- FORTUNATO DE ALMEIDA (1920) - Subsídios para a História Económica de Portugal. Porto: Fortunato de Almeida editor.
- MENDES, José M. Amado (1981) -Trás-os-Montes nos Fins do Século XVIII, segundo um manuscrito de 1796. Coimbra: INIC. (1993) - A Indústria da Seda em Portugal nos Fins do Antigo Regime: Decadências e Estímulos, «Arqueologia Industrial», 2ª série, vol. I (1-2), Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 55-62.
- NEVES, José Acúrcio das (s/d) - História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino, (1810), in «Obras Completas de José Acúrcio das Neves», vol. 2, Porto: Afrontamento.
- PEREIRA, Gaspar Martins (1995) - Notas para a História Contemporânea de Foz Cova, «Boletim da Universidade do Porto», 25, Porto: Fundação Gomes Teixeira, pp. 33-36.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1997) - Pinhel à entrada do terceiro milénio, 25 após a sua elevação a cidade, «Altitude», Guarda: Arquivo Distrital da Guarda, pp. 57-79.

Nota – Não poderia deixar de agradecer a colaboração de Joel Cleto e de Maria da Conceição Veríssimo Gata para a elaboração deste trabalho.